



Frida Maria Strandberg, uma missionária esquecida: movida pela *Ruah* e impedida pelos “homens de Deus”

*Frida Maria Strandberg, a forgotten missionary: moved by *Ruah* and prevented by the “men of God”*

**Claudete Beise Ulrich^[a], Valéria Cristina Vilhena^[b],
Leicyelem von Rondow da Silva^[a]***

^[a] Faculdade Unida (UNIDA), Vitória, ES, Brasil

^[b] Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Paulo, SP, Brasil

Resumo

O artigo reflete sobre a memória esquecida e invisibilizada da missionária ordenada Frida Maria Strandberg, enviada pela missão da Igreja Filadélfia de Estocolmo (Suécia) ao Brasil em 1917, para atuar na missão brasileira da Igreja “Assembleias de Deus” (registrada com este nome em 1918). Frida Maria foi impulsionada pela *Ruah* (Espírito divino) para ser ensinadora ou docente da Palavra de Deus. Ela era também enfermeira, atuando ainda na área da saúde. Frida Maria tinha grande capacidade de liderança e também de escrita e escreveu com certa regularidade em três jornais das Assembleias de Deus. Foi uma mulher missionária, que afirmava que a *Ruah* sopra

*CBU: Doutora em Teologia, e-mail: claudete@faculdadeunida.com.br

VCV: Doutora em Educação, História da Cultura e Artes, e-mail: valeriaegustavo@gmail.com

LRS: Bacharel em Teologia, e-mail: leicyrondow@hotmail.com

igualmente sobre mulheres e homens, sendo precursora das reivindicações femininas no meio pentecostal. Essas reivindicações de Frida foram motivo da primeira convenção das Igrejas Assembleias de Deus, já em 1930. Ela não pôde participar desta reunião, e a sua luta — conjunta com seu marido A. Gunnar Vingren — pela ordenação igualitária das mulheres nos diferentes ministérios da Igreja não obteve resultados à época. Os “homens de Deus” se articularam e conseguiram invisibilizar e ocultar a luta de Frida: ela foi moralmente perseguida e faleceu enferma, sendo considerada portadora de doença mental. A partir de 2009, a sua memória vem sendo recuperada, inspirando a mobilização de muitas mulheres assembleianas no tempo presente, em suas atividades contra a violência simbólica que se manifesta através dos discursos religiosos que continuam colocando as mulheres em lugares subordinados aos homens na Igreja, na família e na sociedade. Nosso posicionamento é que a missão do Reino de Deus só será plena com a participação das mulheres em todas as áreas do saber e do fazer, incluindo as Igrejas. A *Ruah* continua soprando e a memória recuperada de Frida Maria torna-se luz para as reivindicações de cidadania eclesial para as mulheres, especialmente nos meios pentecostais.

Palavras-chave: Missão. *Ruah*. Movimento pentecostal. Frida Maria Strandberg. Gênero.

Abstract

*The article ponders on the forgotten, invisible memory of the ordained missionary Frida Maria Strandberg, sent by the mission of the Philadelphia Church of Stockholm (Sweden) to Brazil in 1917 to work on the Brazilian mission of “Assembleias de Deus” Church (registered under this name in 1918: Assemblies of God). Frida Maria was impelled by *Ruah* to be a teacher of the Word of God. She was also a nurse and worked in the health area. Frida Maria had a great capacity for leadership and for writing. She regularly wrote for the three newspapers of the Assemblies of God. She was a missionary woman, who affirmed that the *Ruah* (Holy Spirit) blows on women and men alike. These claims were the subject of the first convention of the Assemblies of God Churches in 1930. She couldn't attend this meeting and her struggle — alongside her husband A. Gunnar Vingren — for the egalitarian ordination of women in the different ministries of the Church was not accepted. The “men of God” were articulated and managed to invisibilize and hide Frida's struggle. She was morally persecuted and passed away sick, considered to have mental illness. Since 2009, her memory has been recovered, a force of mobilization for the Assembly*

Church women in the present time for their struggles against symbolic violence, which is manifested through religious discourses, which continue to place women in places subordinate to men in the church, family and society. The mission of the Kingdom of God will only be fulfilled with the participation of women in all areas of knowledge, including the Churches. The divine Ruah continues to blow and the memory recovered from Frida Maria becomes a light for the mission of the struggle for ecclesial citizenship for women, particularly in the Pentecostal Movement.

Keywords: Mission. Ruah. Pentecostal Movement. Frida Maria Strandberg. Gender.

Introdução

Os movimentos pentecostais, no decorrer de sua história, se caracterizam pela atuação e a participação expressiva das mulheres. Elas têm atendido o chamado da *Ruah*¹ e se destacado no protagonismo missionário. No entanto, a história da Igreja tem sido narrada e escrita a partir dos homens e pelos homens; da mesma forma, a história da igreja de tradição pentecostal tem sido narrada e contada pelos homens. A história necessita, então, ser revisitada a partir da história das mulheres. Portanto, deverá ser com o espírito inverso ao imposto pelo sistema patriarcal, com uma espiritualidade libertadora pela qual as mulheres conquistaram posições de destaque na história, que tais narrativas necessitam ser revisitadas e reescritas.

A questão problema que envolve a escrita deste artigo pergunta pelo papel das mulheres na instalação das Assembleias de Deus no Brasil. Objetiva-se refletir sobre a participação e atuação da primeira missionária ordenada, de nome Frida Maria Strandberg, e enviada pela missão da Igreja Evangélica Batista da Suécia para atuar no Brasil (1917-1932), em Belém do Pará. Este período histórico caracteriza a instalação das

¹ O artigo se utiliza do termo hebraico *Ruah* para se referir a Espírito. A palavra Espírito no hebraico é *Ruah*, uma palavra feminina. É necessário recuperar a força da ação da *Ruah* na vida das mulheres, pois a *Ruah* é o sopro da sabedoria, de transformação, de mudanças, de ação e sopra onde, quando e como quer. Veja MOLTMANN, 2010, p. 50-51.

Assembleias de Deus no Brasil. Procura-se também perceber quais são os desafios que a história de vida de Frida Maria, que ficou invisibilizada por muito tempo, lança para a atuação das mulheres assembleianas em ministérios ordenados no tempo presente.

Neste sentido, servem de referenciais teóricos e metodológicos a teologia feminista da libertação e a categoria analítica de gênero, que apontam para a importância das narrativas da história de vida e a recuperação das memórias silenciadas e invisibilizadas das mulheres na história. O silêncio, a invisibilização e o ocultamento das histórias das mulheres estão firmados nas relações de poder hierárquicas que se mostram também na história do cristianismo (PERROT, 2007). Segundo Pollak, o ato de lembrar também traz conflitos, pois vai recuperar a “memória ‘proibida’ e portanto ‘clandestina’” [...] pois “existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombras, silêncios, ‘não-ditos’” (POLLAK, 1989, p. 5). O autor também aponta “[...] o silêncio tem razões bastante complexas. Para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de tudo encontrar uma escuta” (POLLAK, 1989, p. 6).

Como afirma Bosi, a memória está relacionada [...] “com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (BOSI, 1994, p. 54). Segundo Le Goff: “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens e [das mulheres]” (LE GOFF, 2003, p. 477)². A memória silenciada também pode ser entendida como um fortalecimento às violências simbólicas e religiosas (BOURDIEU, 2003) às quais as mulheres continuam expostas, não permitindo no presente que elas tenham acesso aos cargos de decisão, ou seja aos ministérios ordenados na igreja.

Em relação ao estado de arte, menciona-se que Alencar (2009) foi o primeiro a tirar o véu do silêncio e do ocultamento da missionária Frida Maria Strandberg. Em 2011, Norell, uma jornalista sueca, lançou o livro *Halleluja Brasilien! Em resa till knarkängens, favelas och den helige andens*

² A inclusão [das mulheres] é de ULRICH, 2006, p. 126.

land, publicado em Estocolmo, em que apresenta relatos importantes da história da missionária Frida Maria. Moraes (2014) lança uma biografia a partir da história oficial de Frida. Vilhena (2018) lançou o livro *Frida Maria Strandberg (1891-1940): mais do que esposa de pastor* como resultado da sua tese de doutorado, defendida em 2016. Mota (2018) na BBC Brasil editou uma reportagem sobre “A missionária sueca perseguida no Brasil, internada em hospício e ‘esquecida’ pela História”. Portanto, é somente na última década que há artigos e pesquisas de mestrado e doutorado sobre esta missionária ordenada, que veio para ensinar o Reino de Deus, mas também era enfermeira, cuidou de muitas pessoas doentes e esteve junto na hora do parto de muitas mulheres. Por que a memória desta mulher foi esquecida, ocultada e invisibilizada por quase um século?

Igrejas Assembleias de Deus: movimento missionário pentecostal

Em 1911, foi fundada a primeira igreja Assembleia de Deus em Belém do Pará pelos missionários Adolph Gunnar Vingren e Daniel Gustav Högberg, de origem sueca, vindos dos Estados Unidos para o Brasil. A sua origem religiosa era Batista, mas tiveram contato com movimentos de reavivamentos nos Estados Unidos, como o *Holiness* (Santidade). O movimento de avivamento *Holiness* iniciou-se por volta de 1830 em Nova York, insistia na perfeição cristã e teve como principal articuladora uma mulher: Phoebe Worrall Palmer (1807-1874), de origem metodista (MOWCZKO, 2011).

Além do movimento *Holiness*, os missionários suecos Vingren e Högberg tiveram contato com pregadores como Charles Parham, que iniciou uma escola bíblica em Houston, e William Joseph Seymour que, em Los Angeles, dirigiu um grupo de pessoas que já tinham passado pela experiência do “falar em línguas”, dando início ao “movimento da Rua Azusa” ou “Movimento Pentecostal” (FAJARDO, 2011, 408-409). Também nestes movimentos havia muitas mulheres envolvidas, como, por exemplo, Jennie Evans Moore, Lucy Farrow e Julia Hutchins (VILHENA, 2018, p. 70-71).

Como estes missionários suecos, emigrados norte-americanos de Chicago, chegaram ao Brasil, em Belém do Pará? Muito além de revelações

proféticas, Vilhena (2017, p. 107-108), baseada em Siepierski, que refletiu as pesquisas de Freston, apontou que a cidade de Belém do Pará era conhecida em Chicago/EUA devido à extração da borracha. Portanto, havia relações comerciais e econômicas entre Chicago e Belém do Pará.

Em Belém do Pará, Vingren e Högberg foram acolhidos por um pastor da Igreja Batista chamado Erik Nilson, que também era sueco, em junho de 1910. Primeiramente, eles colaboraram com a Igreja Batista. No entanto, devido à chama pentecostal (batismo com o Espírito Santo e a cura divina), aconteceu uma divisão e no dia 13 de junho de 1911 o grupo pentecostal foi desligado da Igreja Batista. Segundo Peixoto:

Os excluídos — registrados à Ata nº 222 da Igreja batista de Belém, sessão extraordinária do dia 13 de junho de 1911 — além dos missionários, somavam dezessete pessoas, dentre as quais dez mulheres: Celina Martins de Albuquerque, Emília Dias Rodrigues, Izabel Leonísia da Silva Athaydes, Jesusa Dias Rodrigues, Maria Benvinda Saraiva da Silva, Maria de Jesus Nazareth Cordeiro de Araújo, Maria dos Prazeres da Costa, Maria José Pinto de Carvalho, Maria Piedade Costa e Tereza Silva de Jesus. Passaram a reunir-se na casa de Celina, a partir de 18 de junho de 1911, à Rua Siqueira Mendes, 67, no bairro da Cidade Velha (ARAÚJO, 2011, p. 15-16 apud PEIXOTO, 2017, p. 18).

A maioria das pessoas excluídas eram mulheres e passaram a se “reunir na residência de Celina Martins de Albuquerque” e, assim, “nasceria primeira a Missão da Fé Apostólica no Brasil, posteriormente chamada de Assembleia de Deus” (FAJARDO, 2011, p. 410). Percebe-se aqui o importante papel das mulheres para a ação missionária do pentecostalismo. A Igreja Assembleia de Deus, de acordo com Paul Freston, pertence à primeira onda do Pentecostalismo no Brasil: “A primeira onda inicia em 1910, com a chegada quase simultânea da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911) [...]” (FRESTON, 1994, p. 70-71).

Em 1914, Daniel Gustav Högberg viajou para a Suécia e estabeleceu contato com Lewi Pethrus, seu amigo de infância e pastor da Igreja Filadélfia de Estocolmo em 1913. Desde este momento, Daniel Gustav Högberg e Adolph Gunnar Vingren passaram a constar nos registros dessa igreja como seus missionários (ARAÚJO, 2007, p. 655-657). “No

ano seguinte, 1915, Gunnar Vingren também seguiu para a Suécia. Era a primeira viagem à sua terra natal depois que ele veio ao Brasil” (ARAÚJO, 2016, p. 42). Ele foi para seu país de origem para descansar, pois estava com malária. No entanto, também aproveitou seu tempo na Suécia para falar sobre o trabalho missionário no Brasil e desta forma angariar simpatizantes à ação missionária brasileira.

Desta forma, em 18 de agosto 1916 a Igreja Filadélfia de Estocolmo enviou o primeiro casal de missionários para o Brasil, Samuel e Lina Nyström. Frida Maria Strandberg foi batizada nesta Igreja em 3 de julho de 1917 e também foi enviada neste ano como missionária ao Brasil (ARAÚJO, 2016, p. 42). Ainda segundo Araújo:

Em 11 de janeiro de 1918, Gunnar Vingren registrou o Estatuto da igreja no Cartório de Registro de Títulos e Documentos do 1º ofício, em Belém, no Livro A, nº 2, de Registro Civil de Pessoas Jurídicas e outros papéis, número de ordem 131.448, sob o nome Estatuto da Sociedade Evangélica Assembléa de Deus, número de ordem 21.320, do protocolo nº 2 (ARAÚJO, 2011, p. 18).

Durante os primeiros anos o pentecostalismo brasileiro teve uma forte presença sueca. “O ano de 1930 foi muito significativo, porque marcou a nacionalização do trabalho. Na primeira Convenção Geral, realizada em Natal, com a presença de 11 suecos e 23 líderes brasileiros, a igreja adquiriu autonomia em relação à missão sueca, que lhe transferiu todas as propriedades” (MATOS, 2006, p. 42). A partir desta data, inicia-se um novo processo nas Assembleias de Deus, com muitas divisões internas.

O encontro entre a enfermeira Frida Maria Strandberg e o missionário Adolph Gunnar Vingren

Frida Maria Strandberg conheceu Adolph Gunnar Vingren na Suécia, um dos fundadores da Igreja Assembleia de Deus no Brasil, quando este esteve visitando e realizando um trabalho de evangelização na Suécia (1915-1917). Vilhena (2018, p. 83), citando a jornalista sueca Kajsa Norell, aponta para o fato de que, “quando os/as missionários/as retornavam

para a Suécia eram tratados como heróis. Tornar-se um/a missionário/a foi uma maneira de ver o mundo [...]”. Tornar-se missionária também foi uma possibilidade para Frida poder sair da Suécia.

Neste momento histórico, o movimento pentecostal também estava ganhando forças na Suécia. Gunnar Vingren pregou em vários lugares e igrejas na Suécia, divulgando o trabalho missionário no Brasil. Foi em algum culto missionário que Gunnar e Frida se conheceram. De acordo com o relato do pioneiro:

Quando se preparava para voltar ao Brasil, via América do Norte, Gunnar conheceu Frida, a qual já havia comunicado ao pastor Lewi Pethrus que fora “chamada” por Deus para ser missionária no Brasil. Frida e Gunnar se encontraram várias vezes na Suécia, ao longo de 1917: Antes de iniciar a viagem de volta ao Brasil, Vingren encontrou uma enfermeira que se chamava Frida Strandberg. Essa irmã havia comunicado ao Pastor Lewi Pethrus que o Senhor a chamara para o campo missionário no Brasil. Este encontro teve consequências imprevisíveis para Vingren. Deus dirigiu tudo de tal maneira, que os dois se casaram mais tarde em Belém do Pará. [...]. O casal de namorados se reuniu durante várias noites para orar com uma família de nome Vaster, e também na casa de Lewi Pethrus, quando oraram especialmente por Frida Strandberg, e pela chamada que ela havia recebido do Senhor. No dia 24 de janeiro de 1917 ela foi batizada nas águas em Filadélfia, Estocolmo, e pouco depois Jesus a batizou com o Espírito Santo (VINGREN, 2010, p. 89-90).

Não temos um relato detalhado de Frida Maria sobre o seu encontro com Gunnar e a decisão de vir ao Brasil. O relato de Vingren narra que, depois de algumas noites de oração, Frida Maria tomou a decisão em se tornar missionária e vir para o Brasil. Depois da sua decisão, ela foi batizada pelo Espírito Santo. Importante acentuar que a atuação de enfermeiras foi muito importante nos trabalhos missionários, mas os documentos e livros não falam muito sobre a sua atuação na área da saúde como enfermeira. Este aspecto carece de uma pesquisa sobre a relação do pentecostalismo com as questões relacionadas com as várias epidemias deste período histórico, “[...] como febre amarela, malária, cólera, varíola e peste bubônica, com participação, ainda, da pandemia de gripe espanhola, em 1918” (MIRANDA, 2013, p. 14-24).

Alguns aspectos da infância, juventude de Frida Maria Strandberg

Frida Maria Strandberg nasceu em 09 de junho de 1891, filha de Jonas Strandberg e Kristina Margareta Sundelin, em Själevad, distrito de Västernorrlands, na região norte da Suécia³. Frida tem origem na palavra nórdica *frior*, que significa “paz”. Não se sabe qual era a profissão de seus pais; sabe-se, no entanto, que eram membros da Igreja Luterana (MORAES, 2014, p. 15).

Frida Maria tinha 14 anos quando sua mãe Kristina faleceu. Estava na adolescência, teve vários irmãos e era filha do segundo casamento de seu pai, que teve vários casamentos. Foi expulsa de sua própria casa pela quarta esposa de seu pai, que era somente quatro anos mais velha que Frida. Tinha 17 anos de idade quando isto aconteceu e não se sabe o motivo desta expulsão. Ela foi, então, trabalhar como empregada doméstica na casa de uma família ao norte da Suécia (VILHENA, 2018, p. 75-76).

Frida chegou a pertencer à *Evangeliska Fosterlands-Stiftelsen* (EFS) (Associação Evangélica da Pátria), um movimento de renovação evangélica, surgido dentro da Igreja Luterana Sueca e iniciado em 07 de maio de 1856, que enfatizava o engajamento cristão de pessoas leigas com objetivo de fazer missão (VILHENA, 2018, p. 76). A teologia deste movimento estava baseada numa decisão pessoal, numa declaração individual da fé, com consequências na vida diária⁴. A característica da decisão individual da fé remonta ao Pietismo (ZIMMERLING, 2009, p. 7), com heranças da teologia luterana do sacerdócio geral de todos os crentes. Cada pessoa cristã necessita viver uma vida correta com Deus, sem a necessidade de mediadores na forma de pessoas ordenadas. Portanto, há uma forte ênfase na atuação de pessoas leigas e na leitura da Bíblia; por isto, também incentivou a educação tanto para meninas como para meninos. Também desenvolveu uma cultura da escrita (por exemplo, de cartas) (ZIMMERLING, 2009, p. 7). Segundo Dreher, o Pietismo surgiu no século XVII e explodiu no século XIX. Ele acentuou e acelerou a individualização

³ Adriana Gastellu Camp, representante regional da Igreja Luterana da Suécia no Brasil, informou para Claudete Beise Ulrich no dia 28 de julho de 2017, via Messenger que a “Igreja Luterana na região norte da Suécia onde Frida nasceu e viveu até sua juventude foi fortemente influenciada pelo movimento Pietista, que tem sua origem na Alemanha.”

⁴ Informação dada pela teóloga luterana sueca Adriana Gastellu Camp.

e a interiorização da vida religiosa, desenvolvendo novas formas de piedade pessoal e de vida em sociedade. Além disso, provocou mudanças na teologia e na igreja. Não ficou restrito a um país ou a uma denominação e talvez seja “o primeiro movimento transconfessional” (DREHER, 2013, p. 417).

A decisão pessoal por Cristo tem sido a base para um extenso trabalho missionário da Igreja da Suécia. O chamado para atuar como missionária já era há tempos bem claro para Frida Maria. Ela começou então a se preparar para ser enviada pela *Evangeliska Fosterlands-Stiftelsen* (Associação Evangélica da Pátria). Para tanto, fez um curso de oito meses no *Svenska Bibel-Institutet* (Instituto Bíblico Sueco), mantido pela Associação Evangélica da Pátria. Depois, cursou enfermagem durante dois anos no Hospital de *Vänernborg* e três meses numa Casa Infantil em Estocolmo. Paralelamente com o seu desejo de atuar como missionária, seguiu trabalhando como chefe da seção de enfermagem no Hospital *Sabbatsbergs* (1916-1917), dedicando-se também à arte fotográfica (MORAES, 2014, p. 24-29).

Há poucas informações sobre as motivações que levaram Frida a se tornar uma missionária. Além disso, as missões abriam espaços para que as mulheres pudessem viajar para o Exterior. Além do mais, a Suécia deste período histórico era bastante pobre, mas já desde 1842 tinha o ensino primário gratuito e obrigatório, para meninos e meninas (VILHENA, 2018, p. 113). A migração também significava uma mudança de vida. Não se pode esquecer que neste período desenvolveu-se a primeira guerra mundial (1914-1918). Importante lembrar que na Suécia também se realizaram campanhas de avivamentos espirituais. Um destes movimentos, por exemplo, foi o surgimento de igrejas livres, entre estas, os Batistas que organizaram as suas primeiras comunidades em 1843 na Suécia (HÄGGLUND, 1999, p. 332). O movimento de avivamento pentecostal, segundo Araújo, iniciou em 1907 em Estocolmo, capital da Suécia. De acordo com o autor:

Em 29 de abril de 1913, a União Batista Sueca excluiu a Sétima Igreja Batista de Estocolmo [...] A partir de então, deu-se o início oficial do Movimento Pentecostal na Suécia, com a Sétima Igreja Batista de Estocolmo passando a ser conhecida somente como Igreja Filadélfia de Estocolmo. [...] Em 19 de outubro de 1915, a igreja abriu a sua própria escola bíblica [...]. No ano seguinte, 1916, foi publicado o primeiro

número da revista semanal *Evangelii Hærold* (Mensageiro do Evangelho) [...] (ARAÚJO, 2007, p. 578-579).

Uma das lideranças do movimento pentecostal foi o pastor Lewi Pethrus como o qual Frida Maria teve contato. Embora ela tivesse feito um curso bíblico no *Svenska Bibel-Institutet*, após comunicar ao pastor Lewi que o Senhor a chamara para o campo missionário brasileiro, ela ingressou num Instituto Bíblico na cidade de Götabro, província de Närke e fez um curso bíblico de três meses. Os cursos eram frequentados tanto por pessoas que já tinham recebido o chamado para a missão como por quem tinha apenas a vocação missionária. Tudo ocorreu no ano de 1917. Frida participou da Igreja Batista, tornou-se pentecostal, conheceu Vingren, iniciou o namoro, foi batizada no Espírito Santo, foi fazer o curso bíblico, veio para o Brasil e depois de três meses casou-se com Vingren em Belém do Pará. Antes de sair da Suécia, Frida foi ordenada missionária na Igreja Filadélfia de Estocolmo no dia 27 de maio de 1917, para trabalhar no Brasil, principalmente, como *bibelkvinna* (VILHENA, 2018, p. 81), sendo esta uma antiga palavra sueca para designar uma mulher que exercia o ministério do ensino da Palavra de Deus nas igrejas (MORAES, 2014, p. 33).

Missão de Frida: Ministério do Ensino da Palavra de Deus

Frida saiu da Suécia no dia 31 de maio de 1917, viajou via Oslo, a bordo do navio Bergensfjord, chegando em Nova York no dia 12 de junho de 1917. Gunnar Vingren estava nos Estados Unidos desde o dia 20 de março de 1917, visitando igrejas e realizando pregações. O casal se encontrou em Nova York, mas não viajaram juntos no dia 21 de junho de 1917. Frida viajou sozinha de lá com destino a Belém do Pará. Sobre sua viagem, Gunnar Vingren escreveu em seu diário: “Senti-me muito triste por ainda não ter recebido o meu passaporte para viajar junto com ela ao Brasil, mas também é bom descansar e esperar direção do Senhor” (VINGREN, 2010, p. 95).

Frida tomou o navio para o Rio de Janeiro, rumo a Belém do Pará, chegando à cidade em 3 de julho. Foram 33 dias de viagem, sozinha

e sem conhecer a língua portuguesa (VILHENA, 2018, p. 81). Nota-se muita determinação, coragem e independência por parte dela, pois nesta época uma mulher viajar sozinha não era algo comum. De acordo com Vilhena: “Entre 1851 e 1930, cerca de 1,3 milhão de suecos, ou seja, 25% da população, emigraram em busca de um futuro melhor e sua principal rota de fuga foi o Estados Unidos. Nesse período, vieram para o Brasil cerca de dez mil imigrantes” (VILHENA, 2017, p. 112).

Portanto, é importante entender que o envio de missionários/as para o Brasil está dentro de um projeto de imigração, modernidade e civilização. Segundo Soares (2008, p. 48), o ideário de [...] “modernidade, civilização e progresso — foi o grande lema utilizado para a construção da Belém moderna, com um ideário trazido do planejamento dos grandes centros urbanos — em especial, Paris e Londres”. Ainda de acordo com Soares (2008, p. 72-73):

E a Paris Tropical deveria ser transformada tanto quanto à estrutura física como também com respeito a suas relações sociais, através da europeização de costumes: no espaço urbano da cidade, considerado de caráter coletivo, todos deveriam comportar-se segundo padrões respeitosos ditados pela elite gomífera. [...]

Além disso, uma casa construída no centro, muito provavelmente, deveria representar a condição de status e a importância na estratificação social da elite extrativista. [...] casas mais modestas eram consideradas atrasadas, portanto, não condizentes com a Belém moderna, e até mesmo, seriam culpadas por enfeiar ou adoecer uma cidade. Assim, o que se viu, então, foi a “Paris Tropical” contra a “Paris Tapiocana” [...]

E entre esses dois extremos, encontravam-se as diversas formas de morar na Belém da belle-époque.

Frida, portanto, encontrou uma Belém do Pará cheia de contrastes, como ainda hoje são as cidades brasileiras: por um lado ela encontrou a “Paris tropical”, cidade moderna e rica, e por outro lado extrema pobreza e miséria, a “Paris Tapiocana”. Frida logo percebeu este contraste na cidade — assim que subiu num dos bondes que cruzavam Belém do

Pará, percebeu que “só pessoas requintadas” andavam na primeira classe (MORAES, 2014, p. 38).

O *Diário do Pioneiro*, publicado pelo filho de Gunnar Vingren, relata algumas dessas descrições contrastantes feitas por Frida:

Querem saber como moramos? A casa, feita de terra amassada, é pintada de branco nos dois lados e tem três quartos. Todos os móveis de um dos quartos consistem em uma escrivaninha do irmão Samuel, uma estante de livros feita dum caixote, uma mesa não pintada e algumas cadeiras. O telhado é de grossas vigas com telhas redondas em cima. O chão é bom, mas é feio e muito grosso. Os outros quartos são de dormir. Neles há somente uma cama com a necessária rede contra os mosquitos. Quando a pessoa se deita, então puxa a rede em redor de si e da cama, e fica deitada como que dentro de um saco transparente. Eu, em vez de deixar os mosquitos do lado de fora, os encerrei dentro da rede comigo. Mas dormi bem da mesma forma. Acordei altas horas da noite. Era um barulho terrível. A cidade está cheia de... galinhas. Todos têm galinhas e galos. Era o seu concerto da madrugada que eu estava ouvindo. Quando cantam, parecem gritar exageradamente. Temos também aqui uma pequena galinha, que é bem-educada. Sempre está no pátio. As outras costumam passear dentro da casa, junto com os membros da família. Temos também um cachorro que se chama Syea, parece bem sueco (VINGREN, 2010, p. 100-101).

Três meses depois de chegar ao Brasil, Frida casou-se com Gunnar Vingren, no dia 16 de outubro de 1917, em uma cerimônia realizada pelo missionário Samuel Nystron. Frida se tornou mãe de seis crianças. Os dois primeiros filhos, Ivar (1918) e Ruben (1919), nasceram no Brasil. Em 1921, a família Vingren viajou para a Suécia a fim de descansar e recuperar a saúde, pois Frida tinha sofrido um aborto e Gunnar estava sempre com seu corpo fragilizado devido a malária, febres e doenças. A família ficou na Suécia por 1 ano e 8 meses. A terceira filha, Margit, nasceu em 1922. Em 1923 retornaram da Suécia. Em 1924 nasceu a quarta filha, Astrid. Em 1924, a família se mudou para o Rio de Janeiro. Em 1926 nasceu Bertil, o quinto filho do casal. Em 1928 nasceu a sexta filha do casal, Gunvor (VILHENA, 2018 p. 29). Ela, infelizmente, faleceu um pouco antes da família retornar à Suécia. Frida teve muitas gravidezes, uma atrás da outra, sendo esta a realidade de muitas mulheres neste período histórico

no Brasil. Ter muitos filhos e filhas também era entendido como uma bênção de Deus pela Igreja.

Frida Maria Strandberg: atuação de uma missionária ordenada no Brasil

Se Frida foi enviada como missionária para o Brasil, por que não foi somente esquecida, mas também escondida? De acordo com Vilhena:

Cabe destacar o especialista na história das Assembleias de Deus, Gedeon Freire de Alencar (2012) que, a partir de um recurso tipológico weberiano, dedica parte de sua pesquisa de doutoramento e outros trabalhos publicados à Frida. Contudo, é Kajsa Norell que recupera de fato a figura intencionalmente esquecida de Frida, afirmando que ela “não foi somente esquecida, mas escondida” (NORELL, 2011, p. 87 apud VILHENA, 2018, p. 63).

Primeiramente é importante lembrar que há muitas mulheres missionárias e atuantes nos diferentes movimentos pentecostais. Segundo Alencar (2012) uma das inspirações de Frida foi Aimée Semple McPherson (1890-1944), líder do movimento pentecostal norte-americano, que constituiu a Igreja Evangelho Quadrangular. Ela não somente ouviu falar sobre Aimée, mas chegou a conhecê-la, recebeu sua ajuda financeira, traduziu suas mensagens para publicação e enviou-lhe uma carta (ALENCAR, 2012, p. 103). Outra inspiração para as mulheres de igrejas de perfil pentecostal, foram as mulheres ligadas aos Quakers (ZIMMERLING, 2009, p. 9).

Frida ao chegar no Brasil queria logo sair às ruas, evangelizar, pregar nos cultos, viajar em missão, mas foi advertida de que isso não “caía” bem às mulheres, especialmente às solteiras. Então passou a envolver-se em muitos trabalhos de cunho social. Dedicou-se a costurar roupas para as crianças que andavam nuas ou seminuas pelas ruas, preocupou-se com elas, solicitou ajuda dos/as irmãos/irmãs suecos/as, descrevendo a situação de pobreza de Belém do Pará. Como enfermeira, auxiliou mães e crianças em relação às noções de higiene, nos partos e deu orientações básicas de saúde (VILHENA, 2016b, p. 98) Enquanto trabalhou nos serviços sociais, não incomodou ninguém e nem foi incomodada (VILHENA, 2018, p. 121).

O missionário Gunnar Vingren, esposo de Frida, viajava muito e ficava muito tempo fora de casa. Frida começou a substituir seu esposo nos serviços eclesiais, nas pregações, no ministério de ensino e, especialmente, na redação do jornal *Boa Semente* (1919-1930). A atuação de Frida, especialmente, como redatora e ensinadora da Palavra começou a incomodar e, desta forma, iniciaram as tensões com o outro missionário sueco, Samuel Nyström (VILHENA, 2018, p. 121).

Importante lembrar que os jornais eram meios de propagação e comunicação entre o Brasil e a Suécia e entre os fiéis das doutrinas e notícias no campo brasileiro. Os jornais foram um meio importante estabelecido entre os pentecostais, entre tanto os pentecostais suecos como os pentecostais brasileiros e também entre os movimentos pentecostais norte-americanos, possivelmente seguindo a tendência da própria sociedade europeia ou norte-americana, que já tinha a prática do jornalismo. Os suecos que passaram pelos EUA certamente conheceram o jornal *Apostolic Faith*, fundado por Seymour, no início do movimento pentecostal, conhecido como “Movimento da Rua Azusa” (VILHENA, 2018, p. 121). O jornal foi sempre meio de proliferação da fé e comunicação entre os fiéis. Neste período histórico, o jornal era um dos mais importantes meios de comunicação. As Assembleias de Deus souberam usar muito bem este meio de comunicação. Frida, por exemplo, escreveu uma reportagem sobre o seu campo missionário que também foi publicada no jornal sueco *Evangelii Härold*⁵ de 27 de março de 1919.

Em 1921, a família de Frida Maria e Gunnar foi passar um tempo na Suécia e ficou por lá por um ano e oito meses para descanso, recuperação da saúde, pregações para divulgar o trabalho das Assembleias de Deus. Quando retornou, ficaram um breve tempo ainda em Belém e a família se mudou, então, em 1924 para o Rio de Janeiro, que era capital do país (VILHENA, 2016b, p. 21).

Com a mudança para o Rio de Janeiro, Gunnar e Frida criaram um novo jornal com o nome *Som Alegre*. O jornal *Boa Semente* permaneceu

⁵ O jornal foi fundado em 09 de dezembro de 1915 e teve uma última edição em 1993. Foi então substituído pela revista semanal *Pethrus*. Disponível em: <https://sv.wikipedia.org/wiki/Evangelii_H%C3%A4rold>. Acesso em: 20 out. 2018.

com a sede em Belém do Pará. Ambos os jornais tinham no cabeçalho, como diretores, Samuel Nyström e os Vingren. No entanto, Frida deixou de contribuir no jornal de Belém, que ficou com Nyström, e se engajou somente no novo jornal *Som Alegre* no RJ.

O jornal *Som Alegre* teve o seu primeiro número em dezembro de 1929. Frida passou a ter a função de redatora das seções “Na Seara do Senhor” e “Breves Menções”. Este jornal, apesar de apresentar como diretor Gunnar Vingren, teve como principal redatora e dirigente Frida Maria, pois seu esposo estava constantemente viajando em atividades missionárias ou doente. Além do mais, Frida sabia ler, escrever, tinha conhecimentos bíblicos, havia também feito um curso de fotografia. Ela era missionária ordenada e enviada para trabalhar no Brasil e tinha muitas habilidades para o trabalho de redatora. O jornal *Som Alegre* foi o primeiro periódico da AD publicado no Rio de Janeiro (VILHENA, 2018, p. 122). No Rio de Janeiro, Frida teve mais liberdade para atuar como missionária. Outro fato que a colocava a frente dos trabalhos missionários era também o fato de seu esposo viajar muito e estar muitas vezes enfermo. Segundo Moraes, Frida era realmente responsável pelos grupos de oração, por todo o trabalho social da igreja, pela direção da Escola Bíblica Dominical, pela redação dos jornais, entre outros (MORAES, 2007, p. 904).

No entanto, as tensões entre Frida Maria Vingren e Samuel Nyström aumentaram muito. Nyström articulou as lideranças para a realização da primeira Convenção das Assembleias de Deus, que aconteceu nos dias 5 a 10 de setembro de 1930 na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte. Esta Convenção se realizou com a presença de várias lideranças brasileiras e suecas, inclusive a presença do pastor Pethrus, que batizou e enviou Frida como missionária ao Brasil. No entanto, esta primeira reunião histórica foi marcada por forças patriarcais e machistas, determinando que as mulheres não pudessem assumir papéis de lideranças nas Igrejas ou em quaisquer trabalhos concernentes à Igreja (VILHENA, 2016b, p. 99).

Outro resultado desta convenção foi a junção dos dois jornais *Boa Semente* e *Som Alegre* num só jornal que recebeu o nome *Jornal Mensageiro da Paz*. Desde o começo Frida ficou extraoficialmente na direção e na redação do *Mensageiro da Paz*, tendo como ajudante-redator Carlos Brito. Interessante

observar que Frida não se calou em relação às decisões da Convenção de 1930; na primeira edição do jornal *Mensageiro da Paz* ela escreveu:

A espada ainda está na nossa mão, e maiores luctas nos aguardam. O nosso coração alerta espera no Senhor, aguardando nós as suas ordens. Queremos seguir para frente — prosseguir a carreira custe o que custar, e “arvorar a bandeira às gentes”, confiando no “Deus da antiguidade”, cujos braços se estendem até nós (*Mensageiro da Paz*, ano I, n. 1, 1 jan. 1931, p. 1).

Mesmo que tenha sido negada a atuação das mulheres nos trabalhos eclesiásticos, Frida ainda tinha um jornal (a sua espada) com o qual podia lutar. Ela desejava ardentemente prosseguir a sua carreira como uma missionária ordenada em nome Deus para atuar no Brasil. No segundo número do *Jornal Mensageiro da Paz*, Frida escreveu um artigo com o título “Deus mobilizando as suas tropas”:

Mobilização é um movimento permanente às guerras. É o acto de preparação das tropas para a lucta. Vivemos em tempos de apprehensões, guerras e revoluções e, em muitos paizes, tem havido, ultimamente, taes movimentos. Quando a guerra é declarada numa nação, chama-se o povo para a mobilização (*Mensageiro da Paz*, ano I, n. 2, 1 fev. 1931, p. 3).

É interessante o termo “mobilização” utilizado por Frida. Ela está chamando as mulheres à mobilização contra as decisões da direção da Assembleia de Deus. Neste período histórico, as mulheres no Brasil estavam lutando pelo direito ao voto, que foi concedido às mulheres casadas em 1932 (PINTO, 2010, p. 15-16). Frida estava convocando as mulheres assembleianas a se mobilizarem e a batalharem pelos seus direitos de também pregarem o Evangelho. É importante lembrar que seu esposo, o missionário Gunnar Vingren, era favorável à ideia de que as mulheres ocupassem funções de liderança na igreja, conforme registrou em uma de suas cartas:

Não posso deixar minha convicção de que o Senhor chamou e ainda está chamando homens e mulheres para o serviço do Evangelho [...]. Eu mesmo fui salvo por uma irmã evangelista que veio visitar e realizar cultos na povoação de Björka, Smaland, Suécia, há quase trinta anos. Depois veio

uma irmã dos Estados Unidos e me instruiu sobre o batismo no Espírito Santo. Também quem orou por mim para que eu recebesse a promessa foram irmãs. Eu creio que Deus quer fazer uma obra maravilhosa neste país. Porém, com o nosso modo de agir, podemos impedi-la. Para não impedi-la, devemos dar plena liberdade ao Espírito Santo para operar como Ele quiser (VINGREN, 1982, p. 184).

O argumento do fundador Gunnar Vingren foi “para não impedir a mulher de pregar, é necessário dar a plena liberdade ao Espírito Santo para operar como Ele quiser”. O fundador tinha uma percepção de uma atuação livre do Espírito Santo; no entanto, não foi esta a posição vitoriosa.

Logo após a Convenção de 1930, Frida, porém, continuou batalhando com a sua espada, a escrita, e publicou no jornal *Mensageiro da Paz* (ano I, n. 4, 15 fev. 1931, p. 3) um artigo falando do papel e do chamado do pastor. Em reação ao artigo de Frida, no jornal seguinte o missionário sueco Nils Kastberg escreveu sobre a necessidade do silêncio, fazendo claramente referência a este artigo de Frida (ano 1, n. 5, 1 mar. 1931, p. 5). As tensões entre os grupos cresceram, pois Frida não se calou e levou adiante a luta que ela defendia, isto é, o direito das mulheres de atuarem nas igrejas nos ministérios ordenados. Ela defendia o direito de as mulheres assembleianas terem vez e voz, de estarem em pé de igualdade com os homens. Suspeita-se que Frida e Gunnar tinham este ideal de igualdade uma vez que, pela interpretação da atuação do Espírito Santo, que sopra onde quer e quando quer (Jo 3,8) e será derramado sobre toda a carne, vossos filhos e vossas filhas profetizarão (Jl 2,28).

No entanto, um grupo de pastores brasileiros e suecos escreveu uma carta endereçada para Lewi Pethrus, na Suécia, reclamando da postura de Frida. Na mesma carta os pastores deixaram claro que davam total apoio à posição de Samuel Nyström, bem como à sua permanência no país, já que o missionário estava disposto a voltar para a Suécia, caso Frida não se calasse. O resultado das disputas dos grupos na Assembleia recaiu sobre a família de Frida e Gunnar. Eles foram praticamente convidados a se retirar do Brasil, se despediram do país em 1932 e Gunnar faleceu na Suécia em 1933. Quem assumiu a direção da Igreja no Brasil foi o missionário sueco Samuel Nyström.

Frida é colocada sob suspeita: Trunfo de Samuel Nyström

É provável que a ira de Samuel Nyström tenha crescido em relação a Frida devido a sua autonomia como mulher e aos seus diferentes saberes sobre saúde, redação, fotografia, trabalhos sociais, teológicos e bíblicos. Nyström se utilizou de um boato/fofoca, ou melhor, de uma suspeita (VILHENA, 2018, p. 255), para tirar Frida do seu caminho, isto é, de que ela tinha um caso com Carlos Brito, redator do jornal juntamente com Frida (VILHENA, 2016a, p. 99). De acordo com Vilhena:

No ano de 1931, próximo ao final do primeiro semestre, parece-nos que algo sério aconteceu nos bastidores, pois, tanto o nome de Frida como do outro redator, Carlos Brito, desapareceram do expediente do Mensageiro da Paz. Desde então uma série de rumores surgem dando conta de que um relacionamento extraconjugal teria ocorrido com Frida e um homem jovem (VILHENA, 2016b, p. 13).

Estes rumores, provavelmente, foram o estopim para a retirada de Frida e de Gunnar com sua família do Brasil. O missionário Samuel Nyström e o jovem Paulo Leivas Macalão estavam à frente destes comentários. Os meses seguintes foram marcados, possivelmente, por enormes pressões sobre Frida e seu esposo Gunnar (VILHENA, 2016a, p. 13).

Na primeira Convenção das Assembleias de Deus, realizada em setembro de 1930, Nyström não tinha esse dado ou essa denúncia moral contra Frida. Frida era forte e persistente. Neste sentido Vilhena diz que:

Nyström levou, no entanto, a pauta da atuação das mulheres à frente dos trabalhos da igreja porque seu objetivo era impedir o ministério de Frida e das demais mulheres. Sua posição a esse respeito encontra respaldo em outros pastores, tanto suecos, quanto brasileiros aqui no Brasil. Todavia, o silenciamento de Frida na história oficial das Assembleias de Deus deve ser sempre problematizado para explicitar o mutismo de tantas outras mulheres na história do movimento pentecostal brasileiro. É preciso um exercício necessário para desconstruir atitudes cruéis, caminhos tortuosos, ações injustas, sistemas de crenças que desumanizam (VILHENA, 2016b, p. 167).

No entanto, com esta suspeita, Samuel Nyström tem o trunfo de que precisava para tirar Frida do seu caminho, sendo que a mesma

ficou silenciada e escondida por quase um século. Samuel Nyström foi, portanto, o grande adversário de Frida, o líder que encabeçou todo o movimento contra ela, mas não só. Ele tem uma posição marcada contra as mulheres em geral. Esta posição foi apoiada por pastores brasileiros e suecos. Somente há poucos anos há discussões sobre ordenação de mulheres como pastoras na Assembleia de Deus no Brasil e algumas comunidades locais ordenam mulheres.

Frida Maria Strandberg: uma grande missionária

Além do seu trabalho como redatora dos jornais, Frida escreveu poesia. Destacou-se como musicista e compositora, sendo que 24 hinos da Harpa Cristã são de sua autoria, acentuando uma relação pessoal com Cristo. Ela escreveu textos onde discutiu a teologia pentecostal, deixando claro que o Espírito Santo atua onde quer e quando quer e está presente em homens e mulheres. Mais tarde, Nyström assumiu também a administração do hinário e o fez como se fosse resultado somente do seu trabalho. Frida lutou pela ordenação de mulheres na 1ª Convenção da Igreja Assembleia de Deus em 1930⁶, mesmo que não tenha podido participar da Convenção. Ela e seu marido foram vencidos.

Ela escreveu cartas em sueco, relatando o trabalho missionário no Brasil. Traduziu textos do sueco para o português. Pregou publicamente. Dirigiu cultos, abriu novas frentes de trabalho, pregou em presídios, nas casas e nos templos. Ela foi uma missionária, com funções pastorais. Pouco registros existem sobre o seu trabalho como enfermeira. Ela foi também uma teóloga, pois refletiu, com argumentos da teologia pentecostal e bíblicos, o que estava acontecendo no interior da formação da Igreja Assembleia de Deus. Frida soube administrar a Igreja. Ela foi uma mulher avançada no seu tempo e viveu entre diferentes mundos (Suécia e Brasil).

⁶ Em 1930, também a Igreja Metodista brasileira discutiu a ordenação de mulheres.

Frida: uma mulher entre dois mundos – Brasil e Suécia

Frida chegou no Brasil em 1917 e retornou para Suécia em 1932. Ela viveu 15 anos no Brasil. Seu marido, Gunnar Vingren, faleceu um ano depois do retorno a Suécia. O desejo de Frida era retornar ao Brasil, para trabalhar como missionária. No entanto, o P. Pethrus, da Igreja Filadélfia Sueca, estava ligado a Samuel Nyström e não aprovou a reivindicação de Frida, que foi impedida de voltar ao Brasil.

Frida não desistiu. Tentou então ir para Portugal. Também foi impedida. Ela tentou, assim, retornar ao Brasil por conta própria, mas quando estava na plataforma do trem com as cinco crianças⁷, um grupo da Igreja Filadélfia a impediu de embarcar no trem. De acordo com Alencar (2012, p. 110), Frida “foi levada a delegacia e de lá internada compulsoriamente no Hospital Psiquiátrico de Konradsberg, em Estocolmo, no dia 25 de setembro de 1934”. Os anos seguintes de Frida foram de muito sofrimento. Ela sofreu várias hospitalizações, sendo considerada louca. Como afirma Vilhena (2016b, p. 12),

Os fatos ocorridos em sua vida desde a sua chegada ao Brasil, depois do seu retorno a Suécia, em 1932, até a sua morte ocorrida no final de um período de oito anos com várias hospitalizações, lançam luzes sobre os mecanismos de poder dos homens sobre as mulheres no âmbito das igrejas resultantes do trabalho missionário pentecostal sueco no Brasil.

Para calar Frida e sua luta pela ordenação de mulheres, foi-lhe, primeiramente, imputada a sentença de perturbadora, depois, moralmente, foi condenada como tentadora e pecadora e, por fim, morreu considerada louca e histérica. Foi isolada e expulsa da comunhão da Igreja Filadélfia, de Estocolmo. Ela precisou ser controlada. Perdeu a guarda dos filhos, da igreja e da sociedade como um todo. A igreja a silenciou e negou toda a sua atividade missionária (VILHENA, 2016b, p. 217-219). Frida faleceu em 1940 em Estocolmo, na Suécia.

⁷ A filha mais nova faleceu semanas antes de a família retornar à Suécia.

Desafios para as mulheres assembleianas do tempo presente

Sabe-se, mesmo não constando em um texto/documento oficial, que a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) possui um posicionamento contrário, principalmente, à ordenação pastoral feminina. As mulheres até pregam ou, às vezes, ensinam, mas são denominadas, no máximo, como missionárias. A elas é negado o título de pastora, evangelista e diaconisa desde a primeira convenção que foi realizada em 1930. No entanto, Vilhena relata que a decisão contra a ordenação feminina em muitos ministérios foi tomada sem que as mulheres fossem, ao menos, consultadas (VILHENA, 2016b, p. 195).

É notável, ainda hoje, que as mulheres que exercem alguma função eclesial, mais especificamente no contexto assembleiano, como reflexo, reproduzem aquilo que é imposto socialmente como modelo de papel feminino. No entanto, a igreja acaba sendo uma extensão da casa ou do lar para essas mulheres, pois se aproveitando dessa “deficiência social” os líderes deixam como parte ministerial feminina a responsabilidade em relação às crianças (cuidado, ensino, etc.), à limpeza e ornamentação da igreja e dos espaços anexos. Muitas levam cortinas, toalhas e utensílios da ceia para lavarem em casa. Há na igreja uma reprodução do trabalho das mulheres realizadas no lar.

É muito favorável para os líderes religiosos que as mulheres religiosas cuidem da igreja como cuidam da própria casa, que levem para casa as toalhas da ceia para lavar, passar e devolvê-las dobradinhas, que mantenham a limpeza dos banheiros, que limpem e troquem as rosas do vaso e assim por diante. Enquanto elas se ocuparem com os serviços “domésticos” na igreja, como extensão do lar, elas serão muito bem vindas à igreja, mas caso contrário, tornam-se mulheres perigosas, pois podem contestar o papel que lhe foi imposto (VILHENA, 2016b, p. 126).

É de grande importância levar em consideração que muitas dessas teologias que dizem ser de inclusão das mulheres nos ministérios estão sob o modelo patriarcal, ou seja, tais teologias não têm promovido libertação do patriarcado. Pode-se, então, questionar quais são os tipos de teologias

produzidas que levam homens e mulheres a exercerem ministérios que realmente promovem libertação do patriarcado.

A partir dessa estruturação social patriarcal que também é refletida na igreja, as mulheres são identificadas com capacidade inferior à dos homens e infelizmente as igrejas têm legitimado essa estrutura ao negar alguns ministérios às mulheres. Insinuam “que elas deveriam reter sua ‘feminilidade’ exercendo um ministério diferente daquele dos homens, como pastora assistente encarregada do trabalho com as crianças, jovens e pessoas idosas, e não como ‘a pastora’ com autoridade plena” (RUETHER, 1993, p. 167).

Segundo Gibert, as mulheres são insubstituíveis no acolhimento/hospitalidade, no cuidado com enfermos, etc.; mas se tratando do “serviço público da Palavra de Deus na Igreja, o ensino das Escrituras é tão formal que nos basta transcrevê-lo: é indecente que as mulheres falam na Igreja...” (GIBERT, 1982, p. 45). Apoiando-se nos textos de 1Co 14,34.35 e 1Tm 2,11-14 ele declara que:

Não é uma questão de capacidade, de conhecimento ou devoção. Trata-se simplesmente, de honrar o Senhor na Igreja e respeitar, com isso, a ordem exigida por Deus. A igualdade dos filhos de Deus como sacerdotes não significa uniformidade. “Sacerdócio universal” não significa ministério universal e de intercâmbio. Há diversidade de dons, mas um só Espírito (GIBERT, 1982, p. 45).

Cabem nesse ponto de vista os seguintes questionamentos: se o sacerdócio universal não significa igualdade entres os filhos e filhas de Deus, então, qual é o seu real significado? Quando o autor expressa que “há diversidade de dons, mas um só Espírito” estaria afirmando que as mulheres até possuem dons, mas a atuação do Espírito só cabe aos homens? Assim, é preciso atentar-se com as teologias que ainda tem excluído as mulheres assembleianas dos ministérios eclesiásticos e começar a enfrentá-las de modo que assim possam ascender as teologias que incluem as mulheres, pois Vilhena (2016b, p. 195) afirma, em relação à atuação dos homens sobre as mulheres (sistema patriarcal), que:

Esse sistema estrutural julgou Frida e o ministério feminino na igreja. Não se considerou quanto Frida trabalhou na constante ausência de Vingren,

desde Belém até o Rio de Janeiro. Utilizaram contra Frida os argumentos de que ela era nervosa, mandona; mas o que prevaleceu foi a vontade de Nyström. Quem realmente era autoritário?

A tradição feminista liberal recobra a ideia da equidade entre mulheres e homens na *imago dei*, conforme Gn 1,27 (RUETHER, 1993, p. 165). O texto de Gálatas afirma em 3,28: “Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”. No século XIX, por exemplo, os argumentos usados a favor da ordenação das mulheres estavam firmados também nos textos proféticos, como Jl 2,28: “[...] derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões”. Este texto também aparece no Novo Testamento.

O texto de Atos 2.17-18, em que se diz que os dons do Espírito foram derramados sobre homens e mulheres e de igual maneira, era evocado constantemente para justificar o direito das mulheres de pregar. De modo semelhante, dizia-se também que a natureza altruísta e nutridora das mulheres e sua espiritualidade natural as tornam especialmente aptas para o ministério (RUETHER, 1993, p. 165).

Percebe-se que muitas ordens dadas pelos homens às mulheres são feitas de forma santificada, ou seja, são realizadas de maneira em que as mulheres entendem como um mandato divino. Assim sendo, para coíberem as mulheres dos “grandes cargos” ou das posições de destaque da igreja fazem o uso de vários textos bíblicos como, por exemplo, o capítulo 14 nos versos 34 e 35 da primeira epístola aos Coríntios: “Estejam caladas as mulheres nas assembleias, pois não lhes é permitido tomar a palavra. Devem ficar submissas, como diz também a Lei. Se desejam instruir-se sobre algum ponto, interroguem os maridos em casa; não é conveniente que a mulher fale nas assembleias”.

E ainda para legitimar a subordinação das mulheres aos homens de forma que elas não contestem tal estrutura, visando como mandamento de Deus a partir de uma interpretação irresponsável do termo submissão descrito em Ef 5,22: “as mulheres sejam submissas a seus maridos”. E o que dizer da ênfase dada nos cultos à mulher virtuosa descrita em Pv 31, que usando os termos atuais seria a “bela, recatada e do lar”? A violência

simbólica e religiosa (BOURDIEU, 2003, p. 45-50) é pouco refletida e percebida pelas mulheres. Segundo Deifelt:

O discurso religioso funciona como regulador das condutas sociais, disciplinando seus fiéis e criando um ideário que mantém uma determinada ordem social (tida como normativa). A consequência ética é que, ao invés de focalizar no terreno (o aqui e agora), a teologia se preocupa com a salvação da alma. Esta dicotomia entre matéria e espírito leva a um descaso com o sofrimento humano e fomenta uma espiritualidade escapista.

Para as mulheres, o discurso religioso manteve o essencialismo (a natureza feminina e tudo o que lhe cabe), mas permitiu uma identificação direta com o sofrimento de Cristo. Esta identificação dos sofrimentos pessoais com os de Cristo oferece uma possibilidade problemática de redenção. Ao tentar resistir ou denunciar sofrimento, as mulheres são lembradas, pelo ideário religioso, que este sofrimento é punição pelas faltas cometidas (ser filha de Eva, segunda na ordem da criação, mas primeira a pecar, ou por não corresponder à expectativa cultural). Identificadas como seres sexuais, pecaminosas e sedutoras, as mulheres alcançam a salvação através do sacrifício e da sexualidade que visa única e exclusivamente à procriação (DEIFELT, 2008, p. 27-28).

Os discursos religiosos são sacralizados, colocados como a “Palavra do Senhor”, “Palavra de Deus”; portanto, são ordens sagradas, as quais não se pode questionar. Este discurso opressor, mas não reconhecido como tal pelas mulheres, passa a ser praticamente invisível e faz com elas se contentem com os “serviços domésticos” reproduzidos na igreja e não protestem/reivindiquem seus direitos nos ministérios eclesiais.

Um importante movimento foi, em 2017, realizado por teólogas pentecostais que estavam reunidas em um encontro no Norte do Brasil promovido pela Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais (RELEP) (LIMA; ALENCAR; CORREA, 2017, p. 227-229). Essas teólogas escreveram uma carta direcionada aos pastores Jonatas Câmara e Samuel Câmara, que são os presidentes da Convenção da Assembleia de Deus no Brasil, formada por pastores inconformados com a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil.

Na carta as mulheres relatam a dura realidade da mulher assembleiana no espaço eclesialístico. Relembrem também a perseguição

que Frida sofreu ao chegar no Brasil e o não reconhecimento do seu trabalho pela igreja, ainda, na atualidade. Reivindicam igualdade entre homens e mulheres nos ministérios e enfatizam o direito das mulheres na ordenação pastoral. Pelo que se percebe parece um grande passo dado pelas mulheres assembleianas, haja vista que algo parecido não tinha acontecido até então. A postura dessas mulheres pode ser vista como um chamamento para que outras assembleianas, em diversos lugares, possam também se mobilizar em prol dos direitos das mulheres, principalmente no exercício pleno dos ministérios. Esse contexto traz à memória a convocação de Frida Maria, publicada no *Jornal Mensageiro da Paz*:

Despertemo-nos, para atender ao chamado do Rei, alistando-nos nas suas fileiras. As irmãs das “assembléas de Deus”, que igualmente, como os irmãos têm recebido o Espírito Santo, e portanto, possuem a mesma responsabilidade de levar a mensagem aos pecadores precisam convencer-se de que podem fazer mais do que tratar dos deveres domésticos. [...] Na Suécia, paiz pequeno com cerca de sete milhões de habitantes, existe um grande numero de irmãs evangelistas, que saem por toda a parte anunciando o Evangelho. Dirigem cultos, testificam e falam da palavra do Senhor, aonde há uma porta aberta. [...] Por qual razão as mulheres brasileiras hão de ficar atrasadas? (VILHENA, 2015, p. 59)

É impressionante como Frida, naquela época, já tinha uma atuação avançada, posição esta que muitas mulheres ainda não alcançaram nos dias de hoje. E, para que as mulheres tomem novos rumos, enxerguem novos horizontes, é necessário que saiam dos limites do sistema patriarcal violento e desigual e possam ter formação, estudar, manifestar-se e atuar. Que mais Fridas possam ser ouvidas para que os apagamentos sejam substituídos pelos protagonismos históricos das mulheres. É necessário vencer os diferentes cativeros⁸ (LAGARDE, 1997, p. 151-152) a que as mulheres estiveram e estão sujeitas, os quais também buscaram prender

⁸ Para Lagarde (1997, p. 151-152), “Cautiverio es la categoría antropológica que sintetiza el hecho cultural que define el estado de las mujeres en el mundo patriarcal: se concreta políticamente en la relación específica de las mujeres con el poder y se caracteriza por la privación de la libertad. Las mujeres están cautivas porque han sido privadas de autonomía, de independencia para vivir, del gobierno sobre sí mismas, de la posibilidad de escoger, y de la capacidad de decidir”.

Frida Maria (mãe, esposa, adúltera, louca). Os “homens de Deus” (VILHENA, 2016, p. 34; p. 219), praticamente, anularam a liderança de Frida Maria e o seu protagonismo como missionária ordenada: *bibelkvinna*, aquela que ensina a Palavra de Deus nas igrejas. A história de vida de Frida Maria ficou escondida por quase 80 anos. De acordo com Alencar (2009, p. 75), o machismo formado pelo “ethos sueco-nordestino” (FREESTON, 1993, p. 78) destruiu o protagonismo e a liderança de Frida.

É importante ressaltar que a dificuldade da igreja em assumir uma postura a favor do direito das mulheres não acontece de maneira conjuntural, pois faz parte de uma hierarquia, ou seja, é algo que possui raízes mais profundas, tem a ver com a estruturação cultural da própria igreja cristã. Segundo Gebara, “A teologia feminista é parte de uma revolução cultural que ainda está em seus primeiros passos” (GEBARA, 2010, n.p.). No entanto, mais uma vez, cabe ratificar que é de suma importância que as mulheres comecem a fazer novas leituras, umas leituras a partir delas mesmas. Sem dúvida, é de suma importância que as mulheres estejam nos ambientes acadêmicos, nas universidades, estudando teologia, ciências das religiões e também em outras áreas do saber.

Conclusão

Frida Maria Strandberg Vingren teve um papel relevante no início do pentecostalismo no Brasil, na construção da Igreja Assembleia de Deus, mas ela é ainda praticamente desconhecida no meio eclesial pentecostal e protestante. A recuperação da sua história de vida é de fundamental importância para as mulheres no tempo presente, e não só para mulheres da Assembleia de Deus. Ainda hoje as mulheres são a maioria seja nas igrejas tradicionais como também nas igrejas pentecostais. Exercem trabalhos importantes, especialmente na área do cuidado, sendo estes considerados secundários e pouco reconhecidos. Poucas mulheres se encontram em cargos em decisão. O papel de liderança na maioria das comunidades religiosas cristãs continua em poder dos homens.

A recuperação de suas histórias não deve ser entendida como a de fatos épicos, de heroísmo ou de inspiração, mas sim como uma

profunda crítica histórica à forma como tem sido construída a história do cristianismo. É necessário nomear as experiências. Registrar os nomes das mulheres e vencer o esquecimento, o silêncio e o ocultamento de suas experiências na missão. A construção da história do cristianismo, com a ausência das mulheres, tem fortalecido o patriarcalismo, o machismo eclesial e com isto a violência contra as mulheres tem sido muitas vezes abençoada. Em linguagem teológica isto tem um nome: pecado. É tempo de romper com este círculo. Por isto a importância de nomear as experiências e contar as histórias das mulheres, rompendo com as hierarquias de gênero. As narrativas das experiências das mulheres são essenciais para superar a sua ausência na história das igrejas cristãs. É urgente orar e pedir que a *Ruah* venha e sopra novos ventos e que a missão seja mais integral e valorize igualmente os trabalhos realizados pelas mulheres. Ao recuperar a história de Frida Maria percebe-se o movimento livre da *Ruah* em sua vida; no entanto, ela foi apagada pelos “homens de Deus”, que buscaram fazer com que ela fosse silenciada e esquecida. No entanto, a *Ruah* sopra sempre de novo e a sua memória está sendo recuperada, fortalecendo as mulheres no tempo presente para que possam se mobilizar na conquista de seus direitos, para que possam exercer cargos de liderança ordenados na Igreja Assembleia de Deus.

Que os ventos da sabedoria da *Ruah* devolvam o processo ensino-aprendizagem da Palavra “roubada” das mulheres. A missão do Reino de Deus só será plena com a participação das mulheres em todas as áreas do saber e do fazer também nas Igrejas, na interseccionalidade de gênero, raça/etnia, geração, classe social e religião.

Referências

ARAÚJO, I. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2007.

ARAÚJO, I. *100 acontecimentos que marcaram a história das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

ALENCAR, G. Frida Vingren (1891-1940): quando uma missão vale mais que a vida. In: OROZCO, Y. P. (Org.). *Religiões em Diálogo: Violência contra as Mulheres*. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2009. p. 69-85.

ALENCAR, G. *Assembleias brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia 1911- 2011*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012).

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

DEIFELT, W. Da cruz à árvore da vida: epistemologia, violências e sexualidade. In: NEUENFELDT, E.; BERGESCH, K.; PARLOW, M. *Epistemologia, violência e sexualidade: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

DREHER, M. N. *História do Povo de Jesus: Uma leitura latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

FAJARDO, M. O campo religioso em Belém do Pará: reflexões sobre o evento fundador da Igreja Assembléia de Deus no Brasil. *Mneme - Revista de Humanidades*, v. 12, n. 29, p. 405- 420, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/1023/974>. Acesso em 25 set. 2018.

FRESTON, P. Breve histórico do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIOZZI, A. et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

GEBARA, I. Teologia, feminismo e filosofia. *Revista Cult*, 31 mar. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/2IJ5KZx>. Acesso em: 20 out. 2018.

GIBERT, A. *A Igreja ou Assembleia de Deus*. Lisboa: Buenas Novas, 1982.

HÄGGLUND, B. *História da Teologia*. Porto Alegre: Concórdia, 1999.

LAGARDE, M. *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. México: Universidad Nacional Autónoma, 1997.

LIMA, Daniel Barros de; ALENCAR, Gedeon de; CORREA, Marina Santos (Orgs.). *Reforma Protestante e Pentecostalismo: convergências e divergências. Carta Proclamação*. Manaus: FBN/Vitória: Editora Unida, 2017. p. 227-229.

LE GOFF, J. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

MATOS, Alderi Souza de. O movimento pentecostal: Reflexões a propósito do seu primeiro centenário. *Fides Reformata*, XI, n. 2, p. 23-50, 2006. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/pentecostalismo/100-movimento-pentecostal_alderi.pdf. Acesso em: 20 set. 2018.

MIRANDA, A. *A epidemiologia das doenças infecciosas no início do séc. XX e a criação da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará*. Tese de doutorado. Cap I. Belém: UFPA, 2013.

MOLTMANN, J. *O Espírito da Vida: uma pneumatologia integral*. 2. ed. São Paulo: Vozes, 2010.

MORAES, I. A. *Frida Vingren: uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

MORAES, I. A. *História do movimento pentecostal no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

MOTA, C. V. A missionária sueca perseguida no Brasil, internada em hospício e 'esquecida' pela História. *BBC News Brasil*, São Paulo, 22 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-44731827>>. Acesso em: 31 out. 2018.

MOWCZKO, M. Phoebe Palmer: The mother of the holiness movement. *Marg Mowczko*, 10 jun. 2011. Disponível em: <<https://margmowczko.com/phoebe-palmer/>>. Acesso em: 30 out. 2018.

NORELL, K. *Halleluja Brasilien! Em resa till knarkgängens, favelas och den helige andens land*. Stockholm: Ed. Bladh by Bladh, 2011.

PEIXOTO, M. Á. S. *Escritos de si e memória coletiva: Frida Maria Strandberg (Vingren) e a Missão da Fé Apostólica*. Bragança: UFPA, 2017.

PERROT, M. *Minha história das mulheres*. Trad. Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PINTO, C. R. J. Feminismo, História e Poder. *Revista Sociologia e Política*, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2018

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2018.

RUETHER, R. R. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. Trad. Walter Altamann e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

SOARES, K. G. *As formas de morar na Belém da Belle-Époque (1870-1910)*. Belém: UFPA, 2008.

ULRICH, C. B. *Recuperando espaços de emancipação na história de vida de ex-alunas de escola comunitária luterana*. Tese (Doutorado em Teologia) — Faculdades EST, São Leopoldo, 2006.

VILHENA, V. C. Violências de Gênero, Evangélicos (as) políticos e os Direitos Humanos. In: VILHENA, V. C. (Org.). *Evangélicas por sua voz e participação: Gênero em Discussão*. São Paulo: Fonte, 2015.

VILHENA, V. C. A insubordinada das Assembleias de Deus no Brasil: uma análise de gênero sobre a trajetória de vida da missionária Frida Maria Strandberg. *Religare*, v. 13, n. 1, p. 85-118, jul. 2016a. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/31083/16539>>. Acesso em: 25 out. 2018.

VILHENA, V. C. *Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandberg (1891-1940)*. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) — Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016b.

VILHENA, V. C. O cenário sócio histórico brasileiro no início do século XX: o surgimento do movimento pentecostal, Frida Maria Strandberg e as lutas das mulheres. *Reflexus - Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões*, n. 17, v. 11, p. 97-133, 1. sem. 2017. Disponível em: <<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/reflexus/article/view/483>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

VILHENA, V. C. *Frida Maria Strandberg (1891-1940): mais do que esposa de pastor*. São Paulo: Fonte, 2018.

VINGREN, I. *Gunnar Vingren: o diário do pioneiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPDA, 1982.

VINGREN, I. *Diário do Pioneiro*. Rio de Janeiro: CPDA, 2010.

ZIMMERLING, P. *Starke fromme Frauen*. 4. Auf. Giessen: Brunnen, 2009.

Recebido: 10/09/2018

Received: 09/10/2018

Aprovado: 20/10/2018

Approved: 10/20/2018